

O Ano do Dilúvio, de Margaret Atwood: a humanidade numa perspetiva ecocrítica

Margaret Atwood's *The Year of the Flood*: humanity in an ecocritical perspective

Maria do Carmo Mendes

Universidade do Minho
mcpinheiro@ilch.uminho.pt

Palavras-chave: Atwood (Margaret), ecocrítica, *The Year of the Flood*
Keywords: Atwood (Margaret), Ecocriticism, *The Year of the Flood*.

1. Uma das mais importantes escritoras contemporâneas, a canadiana Margaret Atwood (1939), tem dedicado uma parte muito significativa da sua ficção narrativa à reflexão sobre o futuro da humanidade. Em narrativas distópicas como *Oryx and Crake* (2003) e *The Year of the Flood* (2009), equaciona, numa perspetiva que tem sido designada como ecofeminista, os dilemas e as angústias que afetam a natureza humana e que, em grande medida, por ela foram provocados.

Neste ensaio, centrado em *The Year of the Flood* (tradução portuguesa: *O ano do dilúvio*), procurarei: 1) Identificar o valor simbólico de um grupo de sobreviventes, os “Jardineiros de Deus”, e das suas posições sobre o devir da humanidade, veiculadas em posições orientadas sobretudo para o redimensionamento da relação homem-natureza; 2) Explicitar o que significa para a escritora canadiana um futuro apocalíptico para a humanidade; 3) Comentar em que medida a obra de Atwood representa uma tentativa de construção de uma comunidade pós-humana ou, numa visão mais otimista, de uma comunidade sustentável, sobretudo na sua implicação ambiental; 4) Analisar as relações que a escritora estabelece entre o natural e o artificial; 5) Demonstrar que o género “ficção especulativa” – crucial no conjunto da obra literária de Margaret Atwood – suscita uma das mais relevantes e atuais abordagens da literatura: a abordagem ecocrítica, alicerçada na relação do ser humano com o meio que o rodeia.

2. Nascida em Ottawa em 1939 e filha de um entomologista, Margaret Atwood é, no contexto literário canadiano, uma das mais relevantes escritoras de ficção narrativa, de literatura infantojuvenil, de poesia e de crítica ensaística. Neste âmbito, tem revelado preocupações – nomeadamente em múltiplas entrevistas – com o estado do planeta, com a relação do ser humano com o ambiente,

com o papel da mulher na sociedade, e com o devir da humanidade, muitas vezes perspetivado numa leitura de pendor apocalítico.

As narrativas de Atwood são distopias – considere-se o conhecido caso adaptado numa série televisiva do romance *The Handmaid's Tale*, bem como o que constituirá o objeto de análise neste ensaio – que podem ser lidas nos termos em que Katherine Snyder (2011, p. 470) qualifica este tipo de narrativas:

The future as imagined in dystopian speculative fiction must be simultaneously recognizable and unrecognizable, both like and not-like the present. [...] we must see the imagined future in our actual present and also recognize the difference between now and the future as imagined.

The Year of the Flood é o segundo romance de uma trilogia a que pertencem ainda *Oryx and Crake* e *MaddAddam* (2013). Localizado temporalmente no ano de 2025, o título antecipa cataforicamente um cenário de devastação provocado por um invulgar Dilúvio.

O romance, protagonizado por um grupo religioso, os “Jardineiros de Deus”, descreve um universo anterior e posterior à eclosão de um Dilúvio universal. Os Jardineiros são os escassos sobreviventes de um acontecimento cataclísmico que, em si mesmo, representa uma alteração do bíblico dilúvio, uma vez que se trata de um “Dilúvio Seco” (*Waterless Flood*) provocado por uma avassaladora pandemia. A esse singular grupo constituído pelos God’s Gardeners impõe-se a missão de construir um novo mundo assente numa relação harmoniosa com a natureza e os animais (domésticos e selvagens), a recusa da tecnologia, a crítica do capitalismo, a defesa do vegetarianismo, a vivência comunitária, o poder da memória (que os conduz a uma previsão catastrófica do desaparecimento da escrita) e a celebração constante do Divino através de declamações de hinos que exaltam a noção de que tudo o que existe na terra é uma criação de Deus: o Hinário Oral dos Jardineiros (*The God’s Gardeners Oral Hymnbook*), adaptado de composições poéticas de William Blake e do *Livro dos Hinos da Igreja Anglicana e da Igreja Unida do Canadá* (tal como escreve a autora em nota final) representa paradigmaticamente o seu sistema de crenças:

Oh let me not be proud, dear Lord,
Nor rank myself above
The other Primates through whose genes
We grew into your Love.
[...]
We cannot always trace Your path
Through Monkey and Gorilla.
Yet all are sheltered underneath
Your Heavenly Umbrella.
[...]
So keep us far from worser traits,
Aggression, anger, greed;
Let us not scom our lowly birth.
Nor yet our Primate seed. (Atwood, 2009, p. 39)

Os hinos dos Jardineiros de Deus são também uma celebração de qualidades e atributos dos animais, superiorizados aos humanos:

God gave unto the Animals
A wisdom past our power to see;
Each knows innately how to live,
Which we must learn laboriously.
The creatures need no lesson books,
For God instructs their Minds and Souls:
The sunlight hums to every Bee,
The moist clay whispers to the Mole
And each one seeks its meat from God,
And each enjoys the Earth's sweet fare;
But none does sell and none does buy,
And none does foul its proper lair. (Atwood, 2009, p. 140)

O Dilúvio Seco coloca uma importantíssima questão no romance: é a oportunidade para um recomeço. Não é, portanto, o fim apocalítico que a sua descrição devastadora faz supor (no plano humano, animal, vegetal), mas a possibilidade de uma reconstrução, sobretudo na relação entre o ser humano e o ambiente. A resposta da narradora enquadra-se numa área dos Estudos Literários nascida no início da década de 1990: a ecocrítica. Como sustenta Rana Sagiroglu (2016, p. 141), “Ecocriticism gives the answers of ‘why’ questions of the novel. Why humanity is in chaos, why humanity has organized the world according to its own needs as if there were no living creatures apart from humanity”.

A leitura ecocrítica do romance é indissociável do diálogo intertextual com o texto bíblico. Em *The Year of the Flood*, este é convocado de múltiplas formas, mas em todas elas se assiste a uma refiguração de mitos e conceitos da Bíblia. Recupero apenas alguns:

– Se os hinos dos Jardineiros de Deus retomam as já referidas alusões, eles recordam também salmos bíblicos;

– O jardim do Génesis é plasmado no romance de Atwood, desde o primeiro hino, que se torna uma denúncia da destruição de um espaço natural paradisíaco por intervenção devastadora dos seres humanos, qualificados como “greedy Spoilers”. A eles é imputada a responsabilidade de exaurimento de recursos naturais e de ações que contribuíram para a devastação dos solos, das plantas e dos animais:

Who is it tends the Garden,
The Garden oh so green?

‘Twas once the finest Garden
That ever has been seen.

And in it God's dear Creatures
Did swim and fly and play;

But then came greedy Spoilers,
And killed them all away.

And all the trees that flourished
And gave us wholesome fruit,

By ways and sand are buried,
Both leaf and branch and root.

And all the shining Water
Is turned to slime and mire,

And all the feathered Birds so bright
Have ceased their joyful choir.

Oh Garden, oh my Garden,
I'll mourn forevermore

Until the Gardeners arise,
And you to Life restore. (Atwood, 2009, p. 7)

Esta imputação de responsabilidade ao humano na devastação do planeta é um motivo claro no romance e pode sintetizar-se numa passagem particularmente esclarecedora de um discurso de Adão Um:

We hold in our minds the Great Dead Zone in the Gulf of Mexico; and the Great Dead Zone in Lake Erie; and the Great Dead Zone in the Black Sea; and the desolate Grand Banks of Newfoundland, where the Cod once abounded; and the Great Barrier Reef, now dying and bleaching white and breaking apart. Let them come to Life again; let Love shine upon them and restore them; and let us be forgiven for our oceanic murders; and for our foolishness. (Atwood, 2009, p. 119)

– As figuras de Adão e de Eva surgem no romance de 2009. Todavia, esses dois únicos habitantes do Gênesis bíblico são multiplicados em *The Year of the Flood*. Adão Um – Adam One – é o patriarca que conduz essa pequena comunidade de sobreviventes; a ele se seguem outros Adãos; no que respeita a Eva, não deixa de chamar a atenção que, numa autora que sistematicamente põe em causa a cultura patriarcal e a multissecular desigualdade entre homens e mulheres, não haja no romance uma personagem como Eva Um. Aquela que adquire protagonismo (uma das duas vozes femininas do texto) é Toby, a Eva Seis – Eve Six.

A obra apresenta ainda outro paradoxo: a comunidade dos Jardineiros de Deus recusa hierarquias, mas acaba por estabelecê-las, como se depreende não só da inexistência de uma Eva Um, mas também das palavras de Adão Um sobre a suposta inexistência de desigualdades entre os membros da comunidade religiosa: “all Gardeners were equal on the spiritual level, but the same did not hold for the material one: the Adams and the Eves ranked higher, though their numbers indicated their areas of expertise rather than their order of importance” (Atwood, 2009, p. 45).

– A bíblica Queda do ser humano é representada de forma distinta em *The Year of the Flood*. Atwood descreve como ela aconteceu e continua a acontecer, atribuindo-a a múltiplas causas:

According to Adam One, the Fall of Man was multidimensional. The ancestral primates fell out of the trees; then they fell from vegetarianism into meat-eating. Then they fell from instinct into reason and thus into technology; from simple signs into complex grammar, and does into humanity; from firelessness into fire, and hence into weaponry; and from seasonal mating into an incessant sexual twitching. Then they fell from a joyous life in the moment into the anxious contemplation of the vanished past and the distant future.

The Fall was ongoing. (Atwood, 2009, p. 115)

Em *The Year of the Flood* (seguindo neste ponto o primeiro romance da trilogia), uma das mais relevantes causas apontadas pela narradora para a devastação do planeta e dos que o ocupam é o desenvolvimento tecnológico. Ensaios e experiências genéticas, processos de rejuvenescimento humano conduziram ao quase total desaparecimento de fronteiras entre o humano e o técnico. São especialmente relevantes as alusões a experiências laboratoriais de cruzamentos de espécies animais, conduzindo ao aparecimento do “liobam” – uma singular fusão do leão com o carneiro – e aquelas que, numa clínica de beleza, “Anoo Yoo Spa”, conduziram a alterações da cor da pele e a transplantes de renovação da mesma. Também sob este ponto de vista de reflexão sobre o desenvolvimento tecnológico, se poderá afirmar que *The Year of the Flood* é um romance distópico:

From a utopian perspective, technology promises the ultimate perfection of the human, integrating technology as part of the self, while the dystopian perspective critically investigates this very approach, expressing a culture fear of such a technology. (Mohr, 2013, p. 285)

– Mais relevante ainda, no âmbito do temário do Congresso, é a representação do episódio da Arca de Noé. O Dilúvio bíblico constitui o principal mito do Apocalipse. No texto contemporâneo, Adão Um mimetiza o seu antepassado bíblico, mas também assume a missão de Noé, num capítulo do romance significativamente intitulado “O Festival das Arcas” (*The Festival of Arks*):

According to the human words of God, the task of saving the chosen Species was given to Noah, symbolizing the aware ones among Mankind. He alone was forewarned, [...] keeping God’s beloved Species safe until the waters of the Flood had receded and his Ark was beached upon Ararat. Then the rescued Creatures were set loose upon the Earth, as if at a second Creation. [...]

Then God establishes his Covenant with Noah and with his sons, and with every living creature. Many recall the Covenant with Noah, but forget the Covenant with all other living Beings. However, God does not forget it. He repeats the terms ‘all flesh’ and ‘every living creature’ a number of times, to make sure we get the point. [...] Let us today remember Noah, the chosen caregiver of the Species. We God’s Gardeners are a plural Noah. [...] we Gardeners will cherish within us the knowledge of the Species, and of their preciousness to God. He must ferry this priceless knowledge over the face of the Waterless Waters, as if within an Ark. (Atwood, 2009, pp. 59-60)

3. Das reflexões feitas derivam algumas conclusões:

Em primeiro lugar, a trilogia constituída por *Oryx and Crake*, *The Year of the Flood* e *MaddAddam* apresenta, ainda que sob distintas perspetivas, questões

convergentes sobre o futuro da humanidade: “global warming, biotechnology/genetics, interspeciesism, and, in short, humanity’s legitimising claim of superiority over everything non-human” (Mohr, p. 290).

Em segundo lugar, o caos e a devastação humanos e naturais que se instalaram com o Dilúvio Seco são contrariados por uma resistente comunidade religiosa (na qual duas mulheres, Toby e Ren, assumem o protagonismo) e por uma visão que, em contraste com um universo social, política e culturalmente destruído, não deixa de contemplar uma hipótese redentora e esperançosa, contida numa afirmação da jovem Ren: “The Adams and the Eves used to say, *We are what we eat*, but I prefer to say *We are what we wish*” (Atwood, 2009, p. 234).

Referências bibliográficas

- Atwood, M. (2009). *The Year of the Flood*, New York: Nan A. Talese/Doubleday.
- Mohr, D. (2015). Eco-Dystopia and Biotechnology: Margaret Atwood, *Oryx and Crake* (2003), *The Year of the Flood* (2009) and *MaddAddam* (2013). In E. Voigts & A. Boller (Eds.), *Dystopia, Science Fiction, Post-Apocalypse: Classic, New Tendencies and Model Interpretations* (pp. 283-301). Germany: Trier.
- Sagiroglu, R. (2016). A Compact Embodiment of Pluralities and Denial of Origins: Atwood’s *The Year of the Flood*. *European Journal of Multidisciplinary Studies*, 42 (4), 141-146.
- Snyder, K. (2011). ‘Time to go’: The Post-apocalyptic and the Post-traumatic in Margaret Atwood’s *Oryx and Crake*. *Studies in the Novel*, 43 (4), 470-489.

Resumo

O romance *The Year of the Flood* da escritora canadiana Margaret Atwood apresenta, numa perspectiva ecocrítica, os dilemas e as angústias que afetam a natureza humana.

Este ensaio, centrado em *The Year of the Flood*, tem assim como principais propósitos: 1) Identificar o valor simbólico de um grupo de sobreviventes, os Jardineiros de Deus, e das suas posições sobre o futuro da humanidade; 2) Explicitar o conceito de apocalipse da humanidade na obra de Atwood; 3) Demonstrar que o género “ficção especulativa” suscita uma original abordagem ecocrítica sobre a relação entre o ser humano e o meio que o rodeia.

Abstract

Margaret Atwood’s novel *The Year of the Flood* presents, from an ecocritical perspective, the dilemmas and anguishes that affect human nature.

This essay, focused on *The Year of the Flood*, has as main purposes: 1) To identify the symbolic value of a group of survivors, the God’s Gardeners, and their positions on humanity’s future; 2) To highlight the concept of apocalypse in Atwood’s word; 3) To show that “speculative fiction raises an original ecocritical approach to the connexions between human beings and environment.